

## **Financeirização, grupos econômicos industriais e território no Brasil**

J.P. Siqueira<sup>1\*</sup>; L.B. Santos<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal Fluminense; <sup>2</sup>Universidade Federal Fluminense

[\\*juliapessanhasiqueira@gmail.com](mailto:juliapessanhasiqueira@gmail.com)

### **Resumo**

Em finais do século XX, o processo de financeirização se torna um fenômeno mundial, tendo como principais atores grupos econômicos, instituições financeiras e bancos, que interferem cada vez mais no mercado das finanças, movimentando seus capitais que começam a ser entendidos enquanto um valor em processo. Alguns desses atores buscam centralizar tanto ativos produtivos quanto financeiros, resultando em uma combinação articulada que otimiza a circulação do capital dinheiro em torno de si mesmo. O presente trabalho busca lançar um olhar sobre as práticas de grupos industriais brasileiros – JBS, Vale, Ultra, Cosan e Marfrig – sob um viés geográfico, a fim de trazer ao debate a forma como estabelecem sua reprodução ampliada tanto na esfera financeira quanto na industrial, permitindo que seus capitais alcancem maior mobilidade, fluidez e lucros crescentes.

**Palavras-chave:** Grupos Industriais, Financeirização, Brasil.

### **1. Introdução**

A análise do capitalismo atual pressupõe uma reflexão sobre a finança e o processo de financeirização da economia mundial, fenômeno que se disseminou pelo mundo nas duas últimas décadas do século XX, permeando diversas dimensões da sociedade e atravessando diferentes dinâmicas no território. Os grandes atores responsáveis pela difusão desse processo são os grupos econômicos industriais, as instituições financeiras e as instituições bancárias, que passam a intervir de forma cada vez mais consistente nos mercados financeiros e de câmbio<sup>[1]</sup>. A financeirização pode ser entendida como a diferença que se dá entre lucro e acumulação, visto que o lucro não acumulado corresponde à distribuição de rendas financeiras<sup>[2]</sup>.

A mobilidade dos grandes capitais se sobrepõe para além da barreira do território e do tempo, com um caráter desigual e avassalador, constituindo a era do “capital fictício”<sup>[3]</sup>, na qual os ativos financeiros exercem grande pressão sobre a sociedade, por constituírem uma acumulação de direitos e títulos jurídicos sobre uma produção futura. Todo esse processo de desterritorialização do poder caminha com uma estruturação cada vez mais rigorosa do território, com uma condição de invulnerabilidade e inalcançabilidade, sem que haja o menor interesse nos corpos sobre os quais atuam<sup>[4]</sup>.

Este trabalho visa compreender a dinâmica econômica vinculada ao capital fictício<sup>[5]</sup> que é fértil, circula, se multiplica e se recicla sem sair da esfera das finanças. O nosso recorte analítico são os grupos econômicos brasileiros JBS, Vale, Ultra, Cosan e Marfrig em suas estratégias de reprodução, sobretudo aquelas atinentes à acumulação financeira. Trata-se de uma iniciativa que não possui muitas análises sob um viés geográfico, o que justifica a escolha do tema proposto, sobretudo quanto à análise dos padrões de atuação grupos no campo das finanças.

### **2. Materiais e Métodos**

#### **2.1. Materiais**

A fim de realizar a presente pesquisa, foram empregados os seguintes materiais: 1) levantamento de bibliografia relacionada ao tema, como livros, artigos em revistas etc.; 2)

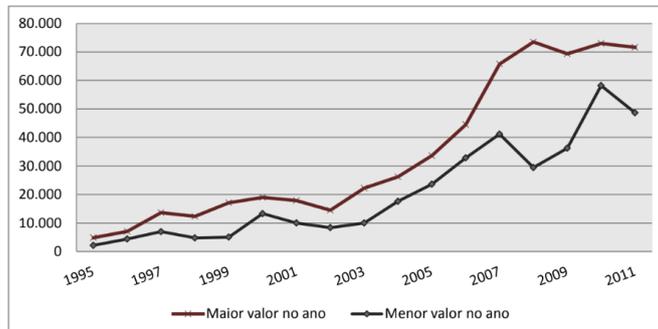
levantamento de dados secundários em bancos de dados como a Bolsa de Valores de São Paulo (B3); 3) levantamento de dados secundários e primários em relatórios anuais disponibilizados pelos grupos analisados; 4) uso de softwares de tratamento de dados (Excel).

## 2.2. Metodologia

Para o desenvolvimento desta pesquisa foi realizado levantamento e leitura de bibliografias sobre temas relacionados à financeirização. O levantamento de dados secundários nos relatórios divulgados pelos grupos sobre investimentos financeiros foi essencial para compreender seu envolvimento com as finanças, além de informações disponibilizadas nas *home pages* dos mesmos. Dados sobre investimentos em bolsas de valores e abertura de capital também foram obtidos no site da B3. Os dados levantados foram sistematizados na forma de tabelas e gráficos, por meio do uso do *software* Excel. Ao final, os dados coletados e sistematizados foram analisados à luz das referências bibliográficas selecionadas.

## 3. Resultados e Discussão

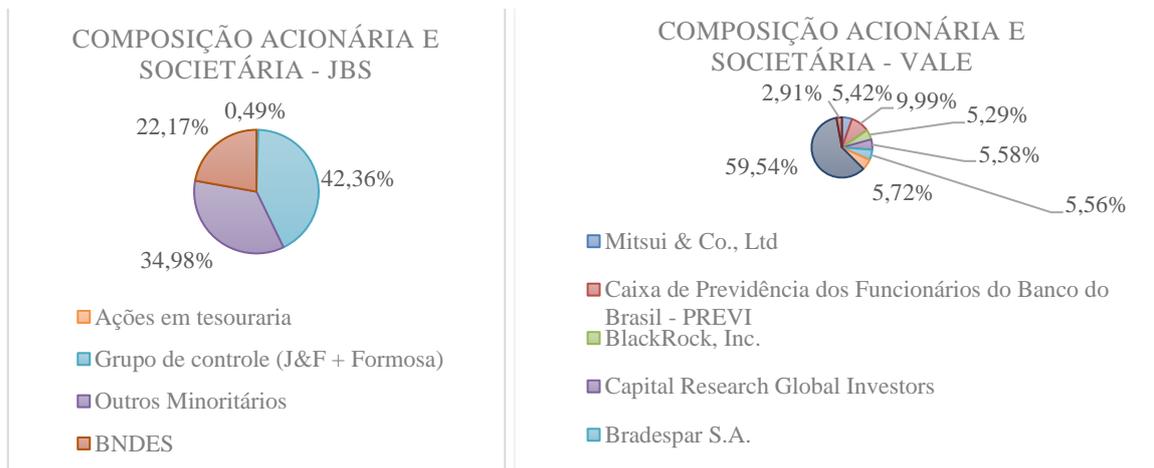
Através de seus atores econômicos, o Brasil se insere no processo de financeirização mundial em que, apesar da constância no número de empresas do país (figura 1), pode-se perceber que há um aumento significativo nos valores capitalizados na bolsa de valores, o que mostra que os investimentos no mercado de ações brasileiros cresceram muito nos últimos anos.



**Figura 1.** Evolução anual da Bolsa de Valores brasileiras entre 1995 e 2011<sup>[6]</sup>

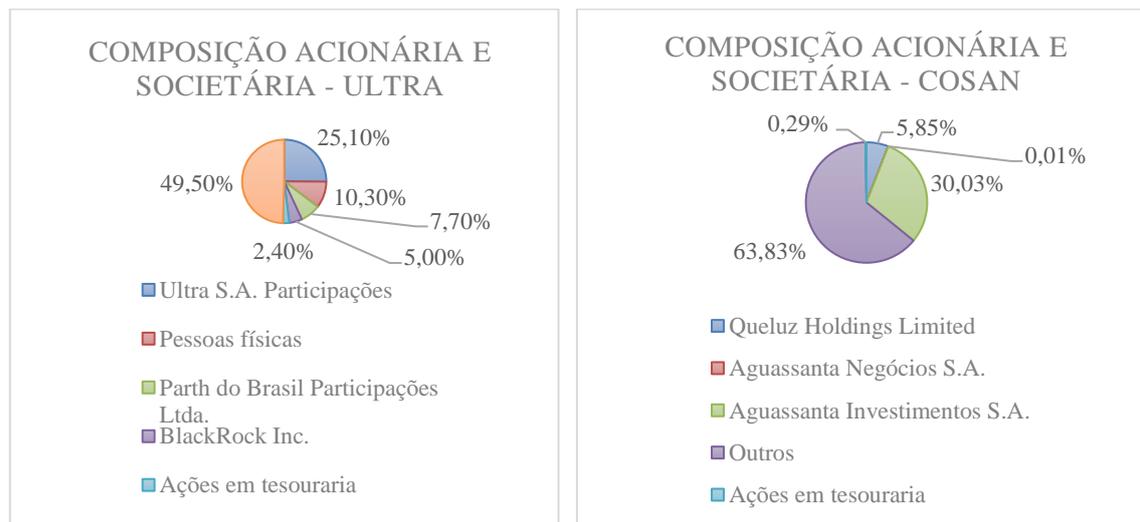
Desde a origem, os grupos passaram por muitas movimentações de ativos (aquisições, fusões, novos investimentos e *joint-ventures*) que marcam o crescimento e evolução histórica. Todos abriram seus capitais em bolsas de valores, como B3 (Brasil), NYSE (EUA), Latibex (América Latina) etc. JBS e Cosan exibem, historicamente, um aumento de investimentos produtivos, com fábricas, centros logísticos, escritórios comerciais e um menor número de vendas de seus ativos. O Ultra, que chegou a contar com cinco empresas, mantém apenas três delas<sup>[7]</sup>. A Vale foi privatizada nos anos 1990, passando por vários movimentos de expansão e venda de ativos. Dos grupos analisados é o que mais abriu capitais em bolsas pelo mundo, revelando o apetite pelo mercado financeiro. A Marfrig inicia seu desenvolvimento numa crescente de expansão, vende alguns ativos entre 2011 e 2018, porém, no mesmo período, já se nota um retorno no crescimento de seus investimentos produtivos com algumas aquisições.

A estrutura acionária da JBS tem maior participação de sua *holding*, seguida por minoritários e BNDESPar. Já a Vale tem estrutura acionária diversificada com fundos de investimentos (Mitsui & Co, BlackRock e Capital World Investors), minoritários e PREVI (figura 2).



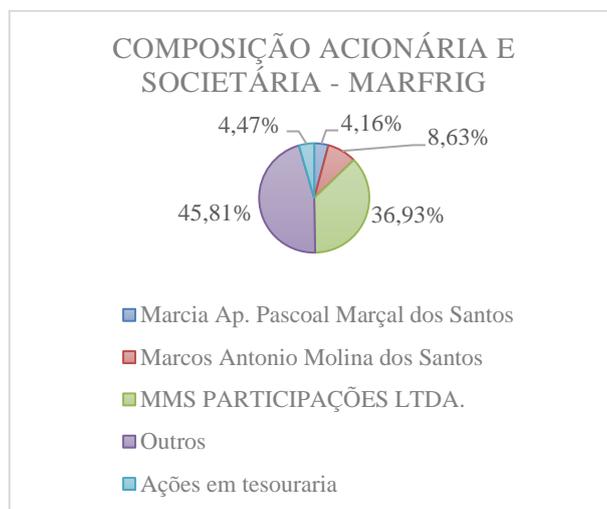
**Figura 2.** Composição acionária e societária dos Grupo JBS e Vale

A *holding* do grupo Ultra (figura 3) detém a maior participação, seguida pela Parth do Brasil Participações Ltda., que é uma empresa sob comando do fundador do Ultra. O BlackRock Investment Fund também possui algumas ações, bem como investidores minoritários. A Cosan possui uma estrutura societária menos diversificada, com a maioria de suas ações detidas por acionistas minoritários, seguida pelo grupo Aguassanta e Queluz Holdings Limited.



**Figura 2.** Composição acionária e societária dos Grupos Ultra e Cosan

Por fim, na Marfrig (figura 4), a maioria de suas ações também é detida por investidores minoritários, sendo que os proprietários (Marcos Antônio Molina dos Santos e Márcia Ap. Pascoal Marçal dos Santos) também têm uma participação acionária importante.



**Figura 4.** Composição acionária e societária do Grupo Marfrig

#### 4. Conclusões

Os grupos estudados se envolvem no processo de acumulação de capital fictício, sendo que alguns já possuem importantes fundos de investimento no seu controle (BlackRock e Capital World Investors). Isso revela a relação desses agentes com o processo financeiro e as pressões que os fundos são capazes de exercer sobre as empresas para alcançarem o maior lucro possível. Porém, os nexos com o território ainda se estabelecem, visto que, apesar da financeirização, os grupos mantêm investimentos industriais, garantindo sua ancoragem no território. Portanto, os agentes analisados se envolvem num processo de acumulação de capital combinado, utilizando tanto a esfera financeira quanto a esfera industrial para garantir para sua reprodução ampliada.

O objetivo principal do trabalho foi alcançado e, ao desenvolvê-lo, foi possível não apenas conhecer os grupos selecionados, bem como entender suas práticas e dinâmicas que impactam diretamente o território, o universo do trabalho e a sociedade. A pesquisa também contribuiu com a academia em geral, aportando novos elementos à literatura da financeirização na geografia econômica, tema até o momento pouco explorado na literatura.

#### Referências

- [1] SERFATI, C. O papel ativo dos grupos predominantemente industriais na financeirização da economia. In: CHESNAIS, F. (Org). **A mundialização financeira: gênese, custos e riscos**. São Paulo: Xamã, 1998, p. 141-181.
- [2] HUSSON, M. Finança, hiperconcorrência e reprodução do capital. In: BRUNHOFF, S. et al. (Org.). **A finança capitalista**. São Paulo: Alameda, 2010, p. 303-336.
- [3] CHESNAIS, F. O capital portador de juros: acumulação, internacionalização, efeitos econômicos e políticos. In: \_\_\_\_ **A finança mundializada**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005, p. 35-67.
- [4] BAUMAN, Z. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- [5] CHESNAIS, F. A proeminência da finança no seio do “capital em geral”, o capital fictício e o movimento contemporâneo de mundialização do capital. In: BRUNHOFF, S. et al. (Org.). **A finança capitalista**. São Paulo: Alameda, 2010, p. 95-182
- [6] ROCHA, M. A. M. **Grupos econômicos e capital financeiro: Uma história recente do grande capital brasileiro**. 183f. 2013. Tese (doutorado em economia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.
- [7] SIQUEIRA, J. P.; SANTOS, L. B. Corporação e espaço: um estudo das estratégias de consolidação e internacionalização do Grupo Ultra. **FORMAÇÃO (ONLINE)**, v. 29, p. 305-330, 2022.